

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-03-31

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Vasconcelos, M., Camilo, C. & Monteiro, L. (2025). Associações entre a relação coparental e as práticas parentais do pai: O papel mediador do stress parental. In Eunice Magalhães, Lígia Monteiro, Maria Manuela Calheiros (Ed.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. (pp. 37-60).: Sílabo.

Further information on publisher's website:

<https://silabo.pt/catalogo/ciencias-sociais-e-humanas/servico-social/livro/criancas-em-risco-e-perigo-vol-7/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Vasconcelos, M., Camilo, C. & Monteiro, L. (2025). Associações entre a relação coparental e as práticas parentais do pai: O papel mediador do stress parental. In Eunice Magalhães, Lígia Monteiro, Maria Manuela Calheiros (Ed.), *Crianças em risco e perigo: Contextos, investigação e intervenção*. (pp. 37-60).: Sílabo.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Associações entre a relação coparental e as práticas parentais do pai: O papel mediador do *stress* parental.

Marta Vasconcelos

Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Lígia Monteiro¹

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa; Cis-Iscte

Cláudia Camilo

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa; Cis-Iscte

¹ Todas as questões relativas ao presente trabalho devem ser enviadas para Ligia.Monteiro@iscte-iul.pt. Este estudo teve o apoio do financiamento FCT UIDB/03125/2020

Resumo

Para alguns autores a paternidade, sobretudo nos primeiros anos, é particularmente influenciada pelo que acontece no microssistema familiar. O presente estudo visou contribuir para o estudo da parentalidade, com particular enfoque no pai, considerando diferentes níveis de variáveis, individuais e contextuais. Teve, assim, como objetivo analisar as relações entre a qualidade da relação coparental, na perspectiva do pai, e as suas práticas parentais, testando-se o papel mediador do *stress* parental. Participaram 98 pais casados ou em união de facto (a viverem com a mãe do seu filho/a), com crianças em idade pré-escolar. Foi testado um modelo de mediação de forma a explorar o papel mediador das diferentes dimensões do *stress* parental na relação entre o suporte e a sabotagem coparental e as práticas parentais de cuidado e de restritividade, controlando o número de horas de trabalho do pai e rendimento familiar. Obteve-se um efeito indireto significativo do suporte coparental nas práticas parentais de cuidado via satisfação parental, sugerindo que mais suporte coparental está associado a maior satisfação parental do pai, o que por sua vez leva a mais práticas de cuidado do pai. Verificaram-se, ainda, efeitos diretos significativos entre a sabotagem e o suporte coparental e os stressores parentais e falta de controlo, assim como da sabotagem coparental nas práticas parentais de cuidado. Estes resultados contribuem para a discussão sobre o papel do pai, salientando a importância da coparentalidade no exercício da paternidade.

Palavras-Chave: Pai, Coparentalidade, Práticas Parentais, Stress Parental, Parentalidade.

1. Introdução

A convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990) declara, no artigo 27.º, que é da responsabilidade parental e de outros cuidadores assegurar, dentro das suas capacidades financeiras e competências, as condições de vida necessárias a um desenvolvimento saudável da criança. Durante décadas, o foco dos investigadores centrou-se, essencialmente, na figura materna (Cabrera et al., 2018; Diniz et al., 2021) e no seu impacto no desenvolvimento da criança. Este trabalho visa contribuir para o conhecimento sobre a parentalidade, com um foco particular no pai, em famílias nucleares (mãe/pai) portuguesas.

A parentalidade pode ser definida como o conjunto de interações recíprocas, entre pais (ou cuidadores) e as crianças, que envolve diversas dimensões como o suporte emocional ou as práticas de cuidado à criança (Holden, 2010), visando assegurar a sua sobrevivência e desenvolvimento saudável (Hoghughi, 2004), num ambiente seguro (Reader et al., 2005). Embora os objetivos da parentalidade possam ser considerados universais, as conceções e práticas da parentalidade são influenciadas pelo contexto cultural (Holden, 2010), nomeadamente, ao nível das dinâmicas interpessoais e objetivos de socialização (Keller et al., 2005). Diversos modelos têm procurado explicar a parentalidade, considerando o contexto político-económico e cultural em que esta ocorre (e.g., Belsky, 1984; Cabrera et al., 2014; Chandry & Winder, 2016). Todavia, são escassos os modelos que se focam no pai e na relação pai-criança. Assim, Cabrera e colaboradores (2014) propuseram o Modelo Expandido da Ecologia da Relação Pai-Filhos/as, que assume as semelhanças e diferenças nas relações entre pai-criança e mãe-criança. Este modelo destaca que a relação pai-criança envolve processos recíprocos, reconhecendo que as crianças, também, influenciam o comportamento parental. Numa perspetiva ecológica, este modelo considera que a relação pai-criança, assim como a trajetória desenvolvimental da criança, podem ser influenciadas por múltiplos níveis e sistemas. São, assim, considerados desde o nível individual (e.g., a personalidade, a história

de desenvolvimento, ou a educação), ao sistema familiar (e.g., a coparentalidade), trabalho, e contexto socioeconómico e cultural, nos quais as famílias se encontram inseridas. No presente estudo, o foco será no sistema familiar, em particular na qualidade das relações de coparentalidade.

1.1.Relações de Coparentalidade

Os quadros teóricos sobre as relações familiares têm dado pouco relevo à relação coparental como fator explicativo dos padrões de interação nas famílias. O subsistema coparental opera e é independente de outros subsistemas familiares, mais especificamente o subsistema parental e conjugal (Feinberg, 2003; Lamela et al., 2010).

Este estudo enquadra-se no Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade de Feinberg (2003), que operacionaliza a coparentalidade e as suas diferentes dimensões propondo, ainda, uma integração da aliança coparental no contexto ecológico (Lamela et al., 2010). A coparentalidade é, assim, definida como o modo como os pais se relacionam relativamente à parentalidade, ou seja, a coparentalidade ocorre quando os indivíduos têm responsabilidades partilhadas na educação da criança, consistindo no apoio e coordenação (ou falta de) exibidos nas práticas parentais (Feinberg, 2003). Posteriormente, Van Egeren (2004) alargou a definição de coparentalidade, postulando que a mesma existe quando pelo menos duas pessoas assumam a responsabilidade conjunta pelo bem-estar de uma criança. Tal vem permitir a aplicação da coparentalidade a qualquer variação e configuração familiar, existindo para além da relação do casal.

De acordo com o modelo, a coparentalidade integra quatro componentes que se interrelacionam: i) O acordo ou desacordo nas práticas parentais, relativo ao grau de entendimento entre a díade parental em relação a tópicos referentes à criança, tais como disciplina, princípios morais, formas de prestação de cuidados e, ainda, decisões sobre a educação ou necessidades emocionais da criança. ii) Divisão do trabalho, referente à partilha

das rotinas diárias de cuidados da criança, assim como à divisão das responsabilidades legais, financeiras e médicas relacionados com a criança. iii) Suporte/sabotagem, refere-se à qualidade e grau de suporte recíproco entre a díade. São exemplo de manifestações de suporte: expressões de afeto positivo, apoio emocional, reforço, respeito perante a autoridade ou apoio aos contributos do outro membro da díade. As manifestações de sabotagem correspondem a um padrão de hostilidade, culpa, crítica e afeto negativo face ao outro elemento da díade. iv) Gestão conjunta da família, que acumula a gestão, pontuação e modelação das interações familiares, mais especificamente entre os pais. Estes devem ser capazes de autorregular o seu comportamento e comunicar de modo eficaz, sendo, ainda, responsáveis por estabelecer fronteiras familiares claras (Feinberg, 2003).

A coparentalidade é vista como um processo familiar que influencia e é influenciado por fatores externos à relação coparental, assentando numa visão contextual que permite compreender efeitos moderadores e mediadores da díade coparental no bem-estar e no ajustamento dos membros da família (Lamela et al., 2010). Considerando as características individuais de cada figural parental e o modo como poderão impactar a relação coparental, Feinberg (2003) refere por exemplo, as atitudes, a escolaridade, a saúde mental e o bem-estar. Relativamente à educação dos pais, habilitações mais elevadas predizem uma coparentalidade de suporte (e.g., Han et al., 2023; Stright & Bales, 2003), enquanto menores níveis de educação estão associados a maior sabotagem coparental (Han et al., 2023). Pais com níveis educacionais mais baixos tendem a apresentar menos recursos e conhecimentos sobre parentalidade, que poderão influenciar negativamente o estabelecimento e manutenção de relações de coparentalidade (Yu, 2023). As características da criança, como o temperamento, idade ou género são, também, variáveis importantes a considerar (Feinberg, 2003). Por exemplo, Davis e colaboradores (2009) verificaram a existência de maior suporte na coparentalidade de pais de filhas, comparativamente com pais de filhos. Relativamente às

variáveis familiares, o subsistema coparental pode ser influenciado por um histórico prévio de interações e repertório emocional e comportamental dos pais, enquanto cônjuges, que tem um papel importante na formação e conservação de uma relação coparental ajustada (Lamela et al., 2010). As influências extrafamiliares sobre a coparentalidade incluem o *stress* extrafamiliar, ou seja, contextual, como fator de risco e o suporte social percebido pela família como fator protetor (Lamela et al., 2010). O suporte social, em resposta a situações de *stress*, fornece um alicerce na realização das tarefas coparentais, sendo que quanto maior o apoio recebido, seja de familiares, da comunidade escolar ou dos serviços do Estado, mais facilitada estará a relação de coparentalidade (Feinberg & Kan, 2008). Nesta dimensão encontram-se, ainda, fatores como o estatuto socioeconómico (ESE) e a discriminação racial, sendo que o *stress* resultante de dificuldades económicas e da discriminação racial está associado a menor satisfação na coparentalidade, em famílias afro-americanas, enquanto maior apoio social se encontra associado a maior satisfação na relação coparental (Riina & McHale, 2012).

1.2. Estilos e Práticas Parentais

Uma das abordagens mais comuns na análise da qualidade da parentalidade e do seu impacto no desenvolvimento da criança são os estilos parentais (Palkovitz & Hull, 2018), definidos como o conjunto de atitudes dos pais face à criança, que criam um clima emocional no qual os comportamentos parentais são expressos (Darling & Steinberg, 1993). Estes incluem comportamentos específicos e orientados por objetivos, assim como comportamentos não orientados por objetivos, tais como gestos e expressões espontâneas de sentimentos (Darling & Steinberg, 1993).

Inicialmente os estilos parentais focavam-se em três componentes, sendo estes a relação emocional entre os pais e a criança, as práticas parentais e as crenças parentais. Os estilos parentais são expressos maioritariamente através das práticas parentais, dado ser a partir destes comportamentos que as crianças inferem as atitudes emocionais dos pais (Darling & Steinberg, 1993). As práticas parentais são definidas como comportamentos específicos, orientados por objetivos pelos quais os pais cumprem as suas responsabilidades parentais (Darling & Steinberg, 1993).

Baumrind (1967) propôs o estudo da parentalidade focando-se num conjunto de práticas parentais que organizou em três estilos parentais: i) autoritativo, caracterizado pelo estabelecimento de padrões de comportamento elevados, onde se espera que os filhos cumpram as regras, mas se reconhece a sua individualidade, responsividade e calor; ii) autoritário, caracterizado pela ênfase na obediência, autoridade e medidas punitivas, no desencorajamento da autonomia e individualidade da criança, pouca responsividade e afeto e suporte reduzido; iii) permissivo, caracterizado por baixos níveis de controlo parental, centrados nas necessidades da criança, expressão de afetos e comunicação ineficaz.

Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) reconceptualizaram a abordagem de Baumrind (1967) em duas dimensões: controlo parental e responsividade. O controlo parental refere-se ao controlo que os pais exercem face aos comportamentos da criança, manifestado através da disciplina, monitorização e socialização da criança face às normas sociais. A responsividade refere-se à coerência das respostas parentais à criança e reflete-se em comportamentos de afeto e envolvimento comportamental e emocional na interação com a criança. Baseado na interação destas duas dimensões definiram, ainda, quatro estilos parentais: autoritativo (alto controlo parental e alta responsividade), autoritário (alto controlo parental e baixa responsividade), indulgente (baixo controlo parental e alta responsividade) e negligente (baixo controlo parental e baixa responsividade).

A revisão sistemática realizada por Yaffe (2020) sobre os estilos e práticas parentais em diferentes culturas, inclui 31 estudos oriundos de 15 países (sendo a maioria dos Estados Unidos da América e da China, não estando incluídas amostras portuguesas), indica a existência de diferenças significativas, em 14 estudos, entre as mães e os pais. As mães reportam resultados mais elevados do que os pais no estilo parental autoritativo, e os pais mais elevados no estilo parental autoritário. Relativamente às práticas parentais, as mães percecionam-se como mais aceitantes, responsivas e apoiantes, assim como exercendo maior controlo sobre o comportamento da criança, tendo maior nível de exigência e dando mais autonomia às crianças, do que os pais, que se percecionam como mais restritivos, coercivos e punitivos, com menor nível de preocupação parental. Estas diferenças são independentes do sexo e idade da criança, assim como da cultura da família.

Tais resultados não significam que os pais não tenham um estilo e práticas autoritativas. Na realidade, diversos estudos verificaram que os pais se percecionam mais como autoritativos do que autoritários (Donrade & Ho, 2001), resultado encontrado em diversas amostras portuguesas (e.g., Monteiro et al., 2017; Pedro et al., 2013; Santos & Monteiro, 2023). Pedro e colaboradores (2013) verificaram que as mães tendem a descrever-se como mais autoritativas do que os pais, mas não encontram diferenças significativas nos estilos permissivo e autoritário.

Os estilos e práticas parentais são influenciados por um conjunto de variáveis, nomeadamente, sociodemográficas. Pais com habilitações mais elevadas tendem a ter mais recursos e conhecimento sobre a criança e as suas necessidades desenvolvimentais (Coley & Lansdale, 1999, September et al., 2016), enquanto baixas habilitações literárias tendem a ter impacto negativo no suporte emocional às crianças (Cabrera et al., 2004). Monteiro e colaboradores (2017) verificaram que pais, com crianças em idade pré-escolar, com habilitações literárias mais elevadas percecionam-se como tendo um estilo parental autoritativo. Lee e colaboradores (2021) verificaram, numa amostra de pais e mães, que ter concluído o ensino secundário estava positivamente associado à responsividade parental. O ESE emerge como uma importante variável no estudo das práticas parentais. Mães com ESE baixo tendem a ser mais controladoras e restritivas, comparativamente com mães com ESE alto (Hoff & Laursen, 2019), sendo que pais com ESE baixo tendem a recorrer mais frequentemente à punição física, comparativamente a pais com ESE alto (e.g., Anthony et al., 2005; Straus & Stewart, 1999).

1.3. Coparentalidade e Práticas Parentais

Segundo Feinberg e colaboradores (2003), a colaboração e apoio na coparentalidade deverão fornecer os recursos necessários aos pais para que estes utilizem práticas parentais efetivas e coordenadas. Por outro lado, uma coparentalidade pautada por hostilidade pode originar tensão na interação pais/crianças (Feinberg et al., 2007), dado que pais com uma aliança coparental mais vulnerável à hostilidade estão mais suscetíveis a desacordos nas práticas parentais (Kitzmann, 2000).

A literatura que demonstra a relação entre coparentalidade e práticas parentais em pais de crianças em idade escolar é escassa. Choi e Becher (2019) verificaram, numa amostra de famílias nucleares com crianças entre um e 15 anos de idade, que níveis mais elevados de suporte coparental se encontravam associados a menor utilização de práticas parentais severas de mães e pais. Ao analisarem as perceções da relação coparental de mães e pais, numa amostra de famílias com crianças entre um e 18 anos, Morrill e colaboradores (2010) verificaram que estas se encontravam positivamente relacionadas com as suas práticas parentais. Assim, a capacidade de mães/pais se apoiarem e coordenarem mutuamente, constitui um facilitador das suas respostas e comportamentos responsivos. Esta relação parece ser mais forte para os pais, considerando-se que tal poderá advir do facto de, para os homens, ser mais difícil manter a divisão entre o subsistema de casal e o subsistema coparental (Minuchin, 1974).

Em amostras portuguesas, de mães e pais com crianças entre 9 e 13 anos, Pedro e colaboradores (2013) verificaram uma associação positiva entre o apoio emocional e cooperação coparental e uma associação negativa com o controlo exercido pelos pais. Num estudo com famílias de crianças em idade pré-escolar, Fan e Chen (2020) verificaram, ainda, que o suporte coparental estava positivamente associado com o estilo parental autoritativo e negativamente associado com o autoritário, numa amostra de mães e pais com crianças em idade pré-escolar.

1.4.O papel do *stress* parental na relação entre a coparentalidade e as práticas parentais.

O *stress* parental pode ser definido como o *stress* que os pais sentem ao educar uma criança (Berry & Jones, 1995), sendo a perceção subjetiva de que as exigências da parentalidade são superiores aos recursos disponíveis, o que terá impacto no bem-estar da criança (Leung & Tsang, 2010). Os pais tendem a experienciar mais *stress* parental quando,

simultaneamente, consideram que apresentam uma baixa eficácia para lidar com os comportamentos opositores, desafiadores e disruptivos da criança, assim como consideram que a criança não deveria apresentar tais comportamentos (Gavita et al., 2014). O stress parental pode afetar ambos os progenitores sendo que, quando um progenitor experiencia níveis elevados de *stress* parental, o outro progenitor também o tende a experienciar (e.g., Delvecchio et al., 2015; Schoppe-Sullivan et al., 2016).

O Modelo da Coparentalidade de Feinberg (2003) sugere que o apoio que os pais fornecem um ao outro, a afirmação de competências parentais e o respeito e reconhecimento das contribuições parentais de cada um, podem constituir fatores protetores do *stress* parental. Será expectável que, numa família em que ambos os pais apresentam uma relação de coparentalidade de qualidade, ambos experienciem níveis mais baixos de *stress* parental (Durtschi et al., 2017), dado um dos progenitores fornecer o apoio necessário aos cuidados da criança, quando o outro experiencia um elevado *stress* parental.

A relação coparental pode, no entanto, ter o efeito contrário, em função da sua baixa qualidade. Por exemplo, Solmeyer e Feinberg (2011) verificaram que a sabotagem coparental estava relacionada com níveis mais elevados de *stress* parental, sintomas depressivos e níveis mais baixos de eficácia parental, tanto para mães, como para pais. Contrariamente, o suporte coparental estava associado com uma maior eficácia parental e menor *stress* parental.

A nível longitudinal e transversal, a literatura tem verificado que a perceção da qualidade coparental das mães e dos pais está associada ao seu *stress* parental, sendo que maior conflito coparental está associado a maior *stress* parental (Fagan & Lee, 2014; Granter et al., 2023; Turgeon et al., 2023).

Relativamente aos comportamentos e práticas parentais, níveis elevados de *stress* parental estão associados a práticas parentais negativas (Algarvio et al., 2018), na medida em que o *stress* origina comportamentos parentais negativos e, ao mesmo tempo, reduz a capacidade dos pais serem sensíveis nas suas respostas aos sinais da criança (e.g., Anthony et al., 2005). Diversos estudos indicam que maior *stress* parental está associado positivamente a comportamentos parentais severos (Choi & Becher, 2019), práticas parentais de rejeição e coerção (Hadicharalambous & Demetriou, 2021), comportamentos severos, hostis, punitivos e até mesmo abusivos (Anthony et al., 2005). O *stress* parental encontra-se, ainda, negativamente associado a práticas parentais de responsividade, estrutura e autonomia (Hadicharalambous & Demetriou, 2021), nomeadamente, em pais de crianças em idade pré-escolar (Speer et al., 2024).

Um estudo longitudinal de Lau e Powe (2019) que analisou a coparentalidade, o *stress* parental e a parentalidade autoritativa, em famílias com crianças em idade pré-escolar, verificou que a cooperação na coparentalidade estava positivamente associada com uma parentalidade autoritativa e negativamente associada com o *stress* parental, estando a parentalidade autoritativa negativamente associada ao *stress* parental. Para os pais, a cooperação percebida pela mãe tinha um efeito na parentalidade autoritativa do pai, mediado pelo *stress* parental do pai, sendo os efeitos da cooperação na coparentalidade totalmente mediados pelo *stress* parental. Noutros estudos, o *stress* parental e baixo suporte coparental são preditores de práticas parentais severas (Choi & Becher, 2019), e níveis elevados de *stress* parental estão associados a níveis mais elevados de uma parentalidade coerciva e níveis mais baixos da qualidade da coparentalidade (Lucassen et al., 2021).

2. Objetivos

O presente estudo teve como objetivo analisar em famílias nucleares, com crianças em idade pré-escolar, a parentalidade na perspetiva do pai, nomeadamente, de que modo a

perceção da qualidade da relação coparental está associada com as suas práticas parentais, testando-se o papel mediador do *stress* parental (diferentes dimensões) nestas relações. Espera-se que o suporte coparental esteja positivamente associado a níveis mais elevados de cuidado (e.g., Bond & Gondoli, 2007), sendo esta relação mediada por níveis mais baixos de *stress* parental. É, ainda, expectável que níveis mais elevados de sabotagem coparental estejam negativamente associados ao cuidado parental, mediados por níveis mais elevados de *stress* parental (e.g., Hadicharalambous & Demetriou, 2021; Lucassen et al., 2021, Speer et al., 2024).

Dado a literatura indicar que diversas variáveis sociodemográficas têm impacto na parentalidade, serão controladas nas análises as habilitações literárias do pai (e.g., Castillo et al., 2013; Lee et al., 2021; Santos & Monteiro, 2023; Van Holland De Graaf et al., 2018), o número de horas de trabalho do pai (e.g., Monteiro et al., 2017), o rendimento familiar (e.g., Bronte-Tinkew et al., 2010; Kulik & Sadeh, 2015; Mortensen & Barnett, 2015), a idade e sexo da criança (e.g., Campbell, 2023; Santos et al., 2022).

3. Método

3.1.Participantes

Participaram neste estudo 98 pais (55% casados e 45% em união de facto com a mãe do seu filho/filha), com pelo menos uma criança em idade pré-escolar. Os pais tinham entre os 27 e os 56 anos de idade ($M = 39.70$, $DP = 5.71$), e as suas habilitações literárias variavam entre o segundo ciclo e o ensino superior ($M_{(anos)} = 14.29$, $DP = 3.34$). Dos pais, 98% trabalhavam ($M_{(horas\ semanais)} = 30.24$, $DP = 7.87$), estando os restantes desempregados. As crianças tinham entre 32 e 72.97 meses ($M = 50.15$, $DP = 11.99$), 55 eram rapazes, sendo 49 filhos/as primogénitos. Nenhuma estava sinalizada ou a ser acompanhada em consultas de desenvolvimento. Todas as crianças frequentavam escolas da rede privada de ensino com e

sem fins lucrativos e da rede de ensino público, no distrito de Lisboa e Setúbal. As famílias apresentavam um rendimento mensal (após dedução de impostos) que variava entre os 650 e 15000 euros mensais ($M = 3276.8$, $DP = 2197.70$).

3.2. Instrumentos

3.2.1. *Questionário Sociodemográfico*

Visa recolher informações sobre a criança (e.g., idade, sexo, nacionalidade), figuras parentais (e.g., habilitações literárias, emprego) e do agregado familiar (e.g., rendimento).

3.2.2. *Questionário Modificado do Relatório de Práticas Educativas Parentais (Ribeiro et al., 2021; Rickel & Biasatti, 1982)*

Este questionário permite analisar as práticas educativas parentais, tendo sido traduzido e validado para amostras portuguesas por Ribeiro e colaboradores (2021). O instrumento original (Rickel & Biasatti, 1982) é constituído por 40 itens, tendo sido eliminados quatro itens, dado o seu conteúdo relacionado com temas sexuais ter sido percecionado como inapropriado (e.g., Nunes et al., 2013). Assim, a versão utilizada é composta por 36 itens, organizados em duas dimensões: Cuidado (18 itens), que se refere às práticas parentais focadas no carinho, afeto e partilha de sentimentos (e.g., “Eu expresso o meu afeto abraçando, beijando e pegando no meu filho ao colo”; $\alpha = .83$); e a Restritividade, que se refere às práticas parentais que se focam em controlar o comportamento da criança, de acordo com os valores dos pais (e.g., “Eu prefiro que o meu filho não tente fazer coisas em que possa fracassar”; $\alpha = .86$). É pedido aos pais que respondam numa escala de tipo Likert de 6 pontos (1= *Discordo totalmente* – 6 = *Concordo totalmente*). Os valores das subescalas são calculados através do somatório dos seus itens, sendo que pontuações mais elevadas

correspondem a maiores níveis de Cuidado e Restritividade, respetivamente. No presente estudo, os valores de alfa de Cronbach foram .83 para o Cuidado e .76 para a Restritividade.

3.2.3. Escala de Relação Coparental (Costa et al., 2020; Feinberg et al., 2012)

Esta escala permite analisar a perceção que a mãe ou o pai têm do apoio do/a parceiro/a na coordenação conjunta na educação da criança. Na validação de Costa e colaboradores (2020) para amostras portuguesas, foram retidos 31 itens dos 35 itens da escala original, tendo sido eliminados os itens referentes à dimensão Divisão de Tarefas (itens 5 e 20), e dois itens (13 e 28) referentes à escala de sabotagem e proximidade parental, por evidenciarem baixos valores de carga fatorial. No presente estudo, apenas foram utilizadas as subescalas mais amplamente utilizadas pela literatura, sendo estas a escala de Suporte Coparental (6 itens), que se refere ao grau de suporte mútuo existente entre as figuras parentais, sendo manifestado através da validação das competências de um deles perante os contributos do papel parental do outro (e.g., “Quando chego ao meu limite como pai/mãe, o/a meu/minha parceiro/a dá-me o apoio extra que eu preciso”; $\alpha = .92$); e a escala de Sabotagem Coparental (6 itens), referente ao grau de sabotagem mútuo existente entre as figuras parentais, manifestado através de padrões de depreciação ou hostilidade perante o parceiro, de modo a gerar culpa no outro (e.g. “O/a meu/minha parceiro/a por vezes faz piadas ou comentários sarcásticos sobre mim como pai/mãe”; $\alpha = .80$). Os pais respondem numa escala de tipo Likert de 7 pontos (0 = *Não é verdadeiro sobre nós* – 6 = *Muito verdadeiro sobre nós*). Os valores das subescalas são calculados através do somatório dos seus itens, sendo que pontuações mais elevadas correspondem a níveis mais elevados de Suporte Coparental e Sabotagem Coparental, respetivamente. No presente estudo, os valores de alfa de Cronbach foram .85 para a escala Suporte Coparental e .69 a Sabotagem Coparental.

3.2.4. Escala de Stress Parental (Algarvio et al., 2018; Berry & Jones, 1995)

A escala analisa o *stress* parental subjetivo que advém do papel parental. O instrumento original, de Berry e Jones (1995), foi validado para a amostras portuguesas por Algarvio e colaboradores (2018). A sua estrutura original foi reproduzida tendo, no entanto, sido eliminados quatro itens (itens 1, 2, 17 e 18 da escala original). Os 14 itens estão organizados em quatro dimensões: Stressores Parentais (5 itens; e.g., “A maior fonte de stress na minha vida é o meu(s) filho(s)”; $\alpha = .78$); Satisfação Parental (4 itens; e.g., “Ter um filho(s) dá-me uma visão mais certa e otimista do futuro”; $\alpha = .57$); Falta de Controlo (3 itens; e.g., “Ter um filho(s) deixa-me pouco tempo e não me permite uma grande flexibilidade na minha vida”; $\alpha = .69$); Medos e Ansiedades (2 itens; e.g., “Às vezes penso se faço o suficiente pelo(s) meu(s) filho(s)”; $\alpha = .56$ ”). É, também, possível o cálculo de um valor global de *Stress* Parental ($\alpha = .76$). Os pais respondem numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1 = *Discordo totalmente* – 5 = *Concordo totalmente*). Os valores das subescalas são calculados através do somatório dos seus itens, sendo que pontuações mais elevadas correspondem a maiores níveis de Stressores Parentais, Satisfação Parental, Falta de Controlo, Medos e Ansiedades e *Stress* Parental. No presente estudo os valores de alfa de Cronbach para as diferentes dimensões são: Stressores Parentais = .78, Satisfação Parental = .64, Falta de Controlo = .68, e Medos e Ansiedades = .54. Dado o valor da dimensão Medos e Ansiedades se encontrar abaixo de .60, não será considerada nas análises.

3.3.Procedimento

Este estudo encontra-se enquadrado no Projeto de Investigação *Dad's Involvement* (UID/PSI/03125/2022), previamente aprovado pela Comissão de Ética do Iscte. Todos os participantes foram recrutados a partir das escolas frequentadas pelas crianças, tendo assinado um consentimento informado antes do início da recolha de dados. Para cada criança/família foi criado um código de modo a garantir a confidencialidade dos dados e posterior total anonimização. Apenas uma criança por família participou, caso existissem duas crianças a

frequentar o pré-escolar, apenas a criança mais velha foi incluída no estudo. Foi, assim, solicitado aos pais que respondessem aos questionários a pensar na criança-alvo, ou seja, para a qual foi aceite a participação no estudo, e de modo independente da sua mulher/mãe da criança (que participava do projeto mais amplo).

3.4.Estratégia Analítica

Utilizou-se o programa IBM SPSS for Windows (versão 29.0) para realizar as análises do presente estudo. As variáveis foram inicialmente padronizadas e a análise da distribuição normal e potenciais valores extremos revelou a existência de valores estandardizados extremamente inferiores a - 3.29 ou extremamente superiores a 3.29 em algumas variáveis (Tabachnick & Fidell, 2012), tendo sido substituídos pelo valor imediatamente abaixo ou acima (dois sujeitos na variável Sabotagem Coparental e um sujeito na variável Cuidado Parental). As análises iniciais incluíram estatísticas descritivas e correlações bivariadas entre as variáveis em estudo. De modo a analisar o papel mediador do *stress* parental na associação entre a coparentalidade e as práticas parentais, foram conduzidos modelos de mediação com recurso à macro PROCESS (v. 4.2) para SPSS (Hayes, 2022), usando-se o Modelo 4. Para testar efeitos indiretos foram usados intervalos de confiança bootstrap de 95%, com base em 5.000 reamostragens de *bootstrap* (Hayes, 2018), sendo considerados significativos sempre que o intervalo de confiança não incluir o valor zero. Dado que o modelo a testar inclui duas variáveis independentes, foram conduzidos dois modelos no PROCESS para cada variável (suporte coparental, sabotagem coparental), introduzindo a outra variável independente como covariável (controlando assim para os efeitos das duas variáveis). As variáveis número de horas de trabalho do pai e rendimento familiar foram as únicas variáveis sociodemográficas controladas no modelo, tendo esta decisão sido baseada nos resultados das análises de correlações bivariadas, e na revisão de literatura efetuada.

4. Resultados

4.1. Estatísticas descritivas e correlações bivariadas entre as variáveis em estudo

O mínimo, máximo, média e desvio padrão das variáveis do estudo são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1.

Mínimo, máximo, média e desvio padrão da coparentalidade, stress parental e práticas parentais.

	Min	Máx	<i>M</i>	<i>DP</i>
<i>Coparentalidade</i>				
Suporte	2.50	6.00	4.82	1.04
Sabotagem	0.00	3.00	0.78	0.83
<i>Stress Parental</i>				
Stressores Parentais	1.00	4.60	2.32	0.81
Satisfação Parental	3.25	5.00	4.59	0.45
Falta de controlo	2.00	4.14	2.95	0.44
<i>Práticas Parentais</i>				
Cuidado	3.94	6.00	5.25	0.42
Restritividade	2.22	4.94	3.52	0.61

As associações entre as variáveis sociodemográficas, relação coparental, *stress* parental e práticas parentais foram analisadas com recurso a correlações de *Pearson*. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Relativamente às dimensões da coparentalidade, suporte na coparentalidade está negativamente associado com os stressores parentais e com a falta de controlo. Por outro lado, está positiva e significativamente associado com a satisfação parental e com as práticas parentais de cuidado. Pais que percecionam um maior suporte coparental tendem a experienciar menos stressores parentais e menor falta de controlo, e um maior nível de satisfação parental, reportando mais práticas de cuidado. Relativamente à sabotagem coparental obteve-se uma correlação positiva e significativa com os stressores parentais e a falta de controlo; e uma correlação negativa e significativa entre a sabotagem coparental, a

satisfação parental e as práticas de cuidado. Ou seja, pais que percecionam maior sabotagem coparental tendem a relatar maior número de stressores parentais e uma maior falta de controlo, menor satisfação coparental, recorrendo menos a praticas de cuidado.

Os resultados revelaram ainda que a satisfação parental está positiva e significativamente com as práticas parentais de cuidado, sendo que pais que reportam maior satisfação parental tendem a utilizar mais práticas parentais de cuidado. A falta de controlo está negativa e significativamente correlacionada com as práticas parentais de cuidado, ou seja, pais que percecionam maior falta de controlo tendem a reportar menos práticas parentais de cuidado.

Relativamente às variáveis sociodemográficas, os resultados revelaram correlações significativas das habilitações literárias do pai com os stressores parentais, do número de horas de trabalho do pai como suporte e sabotagem coparental, a satisfação parental e as práticas de cuidado, e ainda do rendimento familiar com a satisfação parental e com as práticas de cuidado.

Tabela 2.

Correlações bivariadas entre as variáveis Sociodemográficas, de Coparentalidade, Stress parental e Práticas parentais.

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
1. Sexo da criança (1= rapariga)	-	-.01	-.12	.01	-.08	-.08	.01	.08	.02	.12	-.12	-.04
2. Idade da criança (meses)	-	-	.33**	-.10	.19	-.12	.15	.03	-.12	-.04	-.11	-.02
3. Habilitações do pai	-	-	-	.04	.62	-.08	-.03	.25*	-.15	-.10	.04	-.04
4. Nº de horas de trabalho do pai	-	-	-	-	.25*	-.22*	.28**	.04	-.21*	.05	-.22*	.13
5. Rendimento familiar	-	-	-	-	-	-.12	.16	.10	-.34**	-.08	-.22*	-.16
6. Coparentalidade - suporte	-	-	-	-	-	-	-.49**	-.49**	.55**	-.40**	.37**	.03
7. Coparentalidade - sabotagem	-	-	-	-	-	-	-	.39**	-.29**	.39**	-.48**	.11
8. ESP – Stressores parentais	-	-	-	-	-	-	-	-	-.28**	.58**	.20	.00
9. ESP – Satisfação parental	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-.41**	.54**	.17
10. ESP – Falta de controlo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-.28**	.01
11. Práticas parentais – cuidado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	.03
12. Práticas parentais – restritividade	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

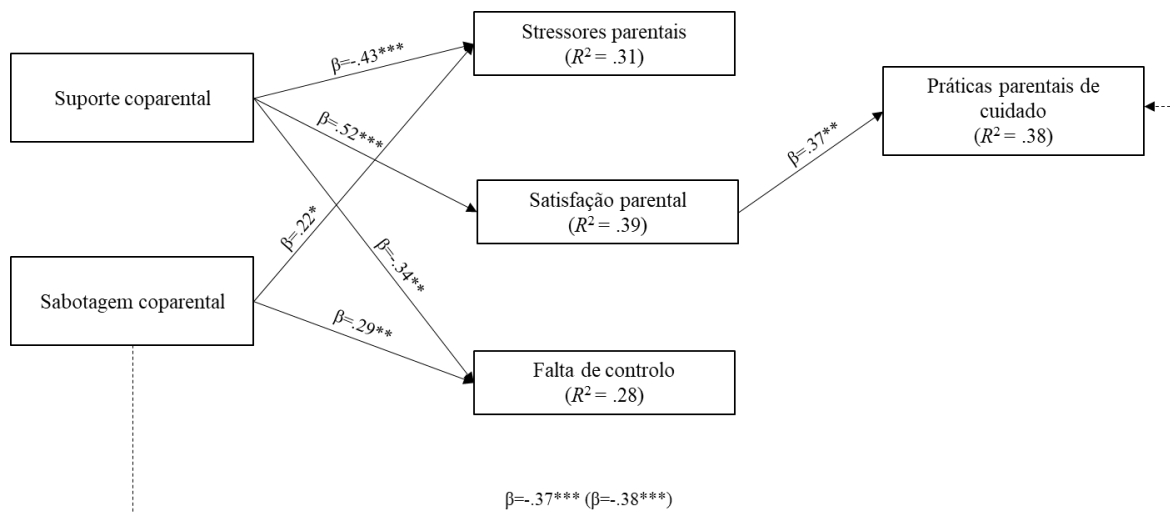
Nota. * $p < .05$, ** $p < .01$; $N = 98$; $N = 95$ para a variável rendimento familiar.

4.2. Análises de mediação

Considerando as correlações bivariadas apresentadas, o modelo de mediação foi testado de forma a explorar o papel mediador das diferentes dimensões do *stress* parental na relação entre o suporte e a sabotagem coparental e as práticas parentais de cuidado, controlando para o efeito do número de horas de trabalho do pai e rendimento familiar. Os resultados do modelo de mediação (Figura 1) revelaram um efeito indireto significativo do suporte coparental nas práticas parentais de cuidado via satisfação parental, $\beta = .19$, $SE = .08$, 95% CI [.047, .346], sugerindo que mais suporte coparental está associado a mais satisfação parental do pai, que por sua vez leva a mais práticas parentais de cuidado. Verificaram-se, ainda, efeitos totais e diretos significativos. Níveis mais elevados de sabotagem coparental mostraram estar associados a mais stressores parentais, $\beta = .22$, $SE = .10$, $p = .035$, e mais falta de controlo, $\beta = .29$, $SE = .08$, $p = .008$, e ainda a menos práticas parentais de cuidado do pai, $\beta = .38$, $SE = .05$, $p < .001$. Por outro lado, níveis mais elevados de suporte coparental surgiram associados a menos stressores parentais, $\beta = -.43$, $SE = .08$, $p < .001$ e menos falta de controlo, $\beta = -.34$, $SE = .06$, $p = .002$.

Figura 1.

Modelo de mediação do stress parental na relação entre a coparentalidade e as práticas parentais do pai.



Nota. Os coeficientes entre parêntesis referem-se aos efeitos diretos.

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

5. Discussão

Nos últimos anos, os investigadores têm demonstrado um interesse particular pelo estudo da coparentalidade, o seu papel no sistema familiar, impacto na parentalidade, e no desenvolvimento da criança (Feinberg et al., 2007). Com a abertura do sistema familiar, e o progressivo ganho de autonomia por parte da criança, torna-se crucial os pais estabelecerem uma aliança coparental caracterizada pelo suporte e coordenação de tarefas (Kwon & Elicker, 2012). Assim, é necessário analisar os mecanismos inerentes às práticas parentais, especialmente em amostras de pais, elemento mais ausente da literatura sobre a parentalidade (Cabrera et al., 2018). Este estudo teve como objetivo contribuir para esta literatura ao analisar as relações entre a percepção da qualidade da relação coparental e as práticas parentais, testando o papel do *stress* parental nesta associação, na perspetiva dos pais.

O modelo de mediação testado, nesta amostra, revela um efeito indireto significativo do suporte coparental nas práticas parentais de cuidado via satisfação parental, ou seja, maior suporte coparental está associado a maior satisfação parental, que por sua vez está associado a mais práticas parentais de cuidado. Tais resultados vão ao encontro do reportado na literatura,

onde se verifica que a coparentalidade de suporte está associada a níveis mais elevados de satisfação parental (e.g., Merrifield & Gamble, 2013; Schoppe-Sullivan et al., 2016), o que por sua vez está associado a comportamentos responsivos e de cuidado (e.g., Aranda, 2013; Shim & Lim, 2019). Uma coparentalidade caracterizada pelo suporte e apoio mútuo irá contribuir para um aumento da satisfação parental, através de um reforço e valorização das competências parentais (Feinberg, 2003). Por sua vez, pais mais satisfeitos com o seu papel parental demonstram mais conhecimentos sobre comportamentos parentais adequados, fazendo uso dos mesmos (Belsky, 1984, Taraban & Shaw, 2018).

Os resultados revelaram, também, que níveis mais elevados de sabotagem coparental estão associados a mais stressores parentais e mais falta de controlo, e ainda a menos práticas parentais de cuidado do pai. Por outro lado, níveis mais elevados de suporte coparental surgiram associados a menos stressores parentais e menos falta de controlo. A literatura reporta que pais que relatam mais suporte coparental, tendem a revelar menos *stress* parental (e.g., Durtschi et al., 2017; Kang et al., 2022; Someyer & Feinberg, 2011), e pais que referem maior sabotagem coparental tendem a revelar mais *stress* parental (e.g., Fagan & Lee, 2014; Granner et al., 2023; Turgeon et al., 2023), e falta de controlo (Feinberg & Sakuma, 2011). Estes resultados vão de encontro ao Modelo da Coparentalidade de Feinberg (2003), que sugere que o apoio que os pais fornecem, assim como o reconhecimento e a afirmação das competências parentais, podem agir como um fator protetor do *stress* parental. A sabotagem coparental está associada negativamente ao cuidado parental, o que vai ao encontro da literatura (e.g., Chen, 2020; van Egeren, 2004) que indica que pais cuja aliança coparental é marcada por comportamentos de sabotagem tendem a apresentar menos práticas parentais de responsividade e cuidado na relação com a criança. Krishnakumar e Buehler (2000) verificaram, numa meta-análise, que pais e mães que reportam maior conflito coparental apresentam mais comportamentos parentais de disciplina e menos aceitação parental, sendo

esta associação mais forte para os pais, do que para as mães. Assim, a aliança coparental tem um papel preponderante na parentalidade do pai, contribuindo positivamente para o seu envolvimento e disponibilidade para responder de forma sensível e coordenada à criança (e.g., Lucassen et al., 2010).

Contrariamente ao esperado (e.g., Anthony et al., 2005; Choi & Becher, 2019; Pedro et al., 2012), não se encontraram associações significativas entre a qualidade da relação coparental e o stress parental e as práticas parentais de restritividade. Uma hipótese a considerar poderá ser o facto de a amostra não espelhar a variabilidade socioeconómica e os stressores inerentes a um baixo ESE, dada a evidência de que famílias de ESE baixo tendem a demonstrar um grau mais elevado de práticas parentais de restritividade (e.g., Chen & Miller, 2013; Hoff & Laursen, 2019). Já no que concerne a outras variáveis com impacto na parentalidade, era esperado que o sexo e idade da criança estivessem associados às variáveis em estudo, no entanto, tal não se verificou, indo ao encontro de resultados de estudos mais recentes (e.g., Kulik & Sadhe, 2015; Monteiro et al., 2019; Santos & Monteiro, 2023).

5.1.Limitações e Estudos Futuros

Algumas limitações inerentes a este estudo devem ser discutidas permitindo, também, reflectir sobre estudos futuros. Primeiramente, o tamanho da amostra não possibilita generalizar os resultados obtidos, e contrariamente ao pretendido inicialmente, a amostra incluiu poucas famílias de baixo ESE. Futuramente, seria benéfico alargar o estudo da paternidade a famílias nucleares onde o pai assume o principal papel de cuidador (e.g., pais que ficam em casa com as crianças), e a outras tipologias de famílias, como famílias monoparentais ou reconstituídas, de modo a colmatar lacunas existente na literatura, no que concerne estas famílias (Cabrera et al., 2018; Diniz et al., 2021).

Neste estudo utilizaram-se apenas medidas de autorrelato, validadas para amostras portuguesas, no entanto, este tipo de medidas está mais suscetível à desejabilidade social,

visto que os participantes podem responder o que consideram ser socialmente apropriado ou desejado, e que pode não corresponder aos seus comportamentos nas interações com as crianças, o que poderá enviesar os resultados. Em estudos futuros, seria importante a integração de outro tipo de medidas, nomeadamente, de observação de comportamentos (e.g., sensibilidade e responsividade) ou de entrevistas de modo a “ouvir” o que os pais pensam sobre a sua parentalidade. Relativamente às medidas utilizadas, refira-se, ainda, que a Escala do *Stress Parental* (Berry & Jones, 1995), apesar de validada para pais e mães portugueses (Algarvio et al., 2018), demonstrou algumas fragilidades, nomeadamente na dimensão “Medos e Ansiedades”, cujo valor do alfa de Cronbach foi inferior a .60. Sugere-se a utilização de outra medida, como por exemplo o *Parental Stress Index* (Abidin, 1983), que explora de forma mais detalhada a pressão económica na parentalidade.

Em estudos futuros, seria interessante explorar os efeitos bidirecionais entre coparentalidade e *stress* parental, dado alguns estudos indicarem que maior *stress* parental pode estar associado a menor nível de suporte coparental, em especial em pais que se encontram no limiar da pobreza (Bronte-Tinkew et al., 2010). Por outro lado, uma melhor relação de coparentalidade está associada a menores níveis de *stress* parental, sendo que os pais com um maior nível de *stress* parental têm menos probabilidade de investir na coparentalidade (McDaniel et al., 2018). Refira-se, ainda, que apesar do modelo de mediação estar justificado teoricamente a natureza do estudo é transversal, pelo que não permite inferir causalidade.

Seria, ainda, importante analisar o impacto que variáveis extrafamiliares têm na parentalidade, tais como o suporte social. Uma revisão sistemática de Venning e colaboradores (2021) verificou que os pais revelam sentir-se muitas vezes excluídos desta rede de suporte, percecionando que a mesma está focada nas mães, e reportando que os profissionais de saúde tendem a estereotipar os pais de modo negativo, referindo-se aos

mesmos como “não-envolvidos”. Esta revisão sistemática revelou, ainda, que os pais tendem a sentir alguma dificuldade em procurar recursos e uma rede de suporte, percebendo que as mesmas não são específicas para as suas necessidades, nem lhes são divulgadas. Tal vem demonstrar a importância de desmistificar o pai como apenas provedor económico e/ou auxiliar da mãe, e apostar em políticas e em ações de formação a profissionais que promovam o envolvimento do pai, desde os primeiros tempos de vida.

5.2. Implicações para a Prática

O nosso estudo reforça a importância de se cuidar dos adultos (cuidadores) e do seu bem-estar, sem os quais dificilmente será possível um desenvolvimento saudável da criança. Esta ligação torna-se de especial interesse quando olhamos para a coparentalidade, uma variável do contexto familiar que impacta o bem-estar dos pais (Campbell, 2023), das crianças e a qualidade e o grau de envolvimento paterno (Wang et al., 2022).

Este estudo contribui, ainda, para a discussão da importância de diversas políticas públicas em matéria de licenças e direitos ao nível da paternidade (Wall et al., 2019). Em Portugal, tem-se assistido a crescentes mudanças das políticas públicas que visam reforçar o envolvimento do pai na vida familiar, seja através de maior compensação monetária ou através de um aumento do tempo de licença parental (Marinho et al., 2024). Os dados revelam um aumento gradual e significativo da adesão dos pais à licença parental exclusiva a estes (Marinho et al., 2024), sendo que um relatório da OCDE (2023) indica que a licença parental gozada, por parte dos pais portugueses é superior à média dos países da OCDE. Petts e Knoester (2020) verificaram que o tempo que os pais tiravam de licença parental estava positivamente associado à qualidade da sua aliança coparental 5 anos após o nascimento da criança. Os resultados deste estudo contribuem para uma melhor compreensão da relação de coparentalidade na perspetiva do pai. Relações de coparentalidade marcadas pelo suporte agem como um factor essencial no bem-estar parental (Campbell, 2023), através da

diminuição do *stress* parental e do aumento da satisfação parental. Adicionalmente, favorecem a adoção de práticas parentais afetivas e de cuidado que promovem o desenvolvimento da criança (Choi & Becher, 2019).

As redes de suporte extrafamiliar são um exemplo de fatores que poderão reduzir o *stress* parental, sendo importante criar redes de suporte ou grupos de suporte para pais, que possam trabalhar as suas especificidades na parentalidade, dado a literatura demonstrar que existem comportamentos parentais que são únicos e específicos aos pais (Cabrera et al., 2014; Cabrera & Volling, 2019). Estas redes de suporte poderão ser constituídas através de programas de intervenção que visam promover o envolvimento do pai. Estes programas, já desenvolvidos noutros países (e.g., Estados Unidos), abordam temas como o estabelecimento de uma relação de coparentalidade e o trabalho em capacidades e competências inerentes à parentalidade (Man 2 Man, 2024), que se revelam como fatores proterores do *stress* parental (e.g., Speer et al., 2024). Trabalham, ainda, as ideologias e estereótipos de género, a necessidade de um envolvimento emocional para com a criança e as diferentes etapas de desenvolvimento infantil (Focus on Fathers, 2024), e ainda conhecimentos acerca da importância do estabelecimento de relações saudáveis (Man 2 Man, 2024).

Referências

- Abidin, R. R. (1983). *Parenting Stress Index: Manual, Administration Booklet, [and] Research Update*.
- Algarvio, S., Leal, I., & Maroco, J. (2018). Parental stress scale: Validation study with a Portuguese population of parents of children from 3 to 10 years old. *Journal of Child Health Care, 22*(4), 563–576. <https://doi.org/10.1177/1367493518764337>
- Anthony, L. G., Anthony, B. J., Glanville, D. N., Naiman, D. Q., Waanders, C., & Shaffer, S. (2005). The relationship between parenting stress, parenting behaviour and

- preschoolers' social competence and behaviour problems in the classroom. *Infant and Child Development*, 154, 133–154. <https://doi.org/10.1002/icd.385>
- Aranda, C. L. (2013). *An ecological investigation of contextual factors and cognitions that impact parental responsivity for low-income mothers of preschool-age children* (Doctoral dissertation, University of Oregon).
<https://scholarsbank.uoregon.edu/items/97703884-ada4-4cab-b5a3-a250eef84aae>
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43–88.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Berry, J. O., & Jones, W. H. (1995). The Parental Stress Scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(3), 463–472. <https://doi.org/10.1177/0265407595123009>
- Bronte-Tinkew, J., Horowitz, A., & Carrano, J. (2010). Aggravation and stress in parenting: Associations with coparenting and father engagement among resident fathers. *Journal of Family Issues*, 31(4), 525–555. <https://doi.org/10.1177/0192513X09340147>
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6(4), 336–354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>
- Cabrera, N. J., Volling, B. L., & Barr, R. (2018). Fathers are parents, too! Widening the lens on parenting for children's development. *Child Development Perspectives*, 12(3), 152–157. <https://doi.org/10.1111/cdep.12275>
- Cabrera, N. J., Ryan, R., Shannon, J. D., Brooks-Gunn, J., Vogel, C., Raikes, H., & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Fathers in the early head start national research and evaluation

study: How are they involved with their children?. *Fathering: A Journal of Theory, Research, and Practice About Men as Fathers*, 2, 5-30.

Cabrera, N. J., & Volling, B. L. (2019). VIII. Moving research on fathering and children's development forward: Priorities and recommendations for the future. *Advancing research and measurement on fathering and children's development*, 84, 7-17.
10.1002/mono.12404

Campbell, C. G. (2023). Two decades of coparenting research: a scoping review. *Marriage & Family Review*, 59(6), 379-411. <https://doi.org/10.1080/01494929.2022.2152520>

Castillo, J. T, Welch, G., & Sarver, C. M. (2013). The relationship between disadvantaged fathers' employment stability, workplace flexibility, and involvement with their infant children. *Journal of Social Service Research*, 39, 380–396.
<https://doi.org/10.1080/01488376.2013.775089>

Chen, B. B. (2020). The relationship between Chinese mothers' parenting stress and sibling relationships: A moderated mediation model of maternal warmth and co-parenting. *Early Child Development and Care*, 190(9), 1350-1358.
<https://doi.org/10.1080/03004430.2018.1536048>

Chen, E., & Miller, G. E. (2013). Socioeconomic status and health: mediating and moderating factors. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9, 723–749.
<https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185634>

Choi, J. K., & Becher, E. H. (2019). Supportive coparenting, parenting stress, harsh parenting, and child behavior problems in nonmarital families. *Family Process*, 58(2), 404-417.

Costa, P., Garcia, I., Tasker, F., & Leal, I., (2020). Adaptação das versões completa e breve da Escala de Relação Coparental (ERC) em uma amostra comunitária de pais e mães portuguesas. *Revista PSICOLOGIA*, 34(1),236-248.
<https://doi.org/10.17575/psicologia.v34i1.1598>

- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, *113*(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Davis, E. F., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Brown, G. L. (2009). The role of infant temperament in stability and change in coparenting across the first year of life. *Parenting, Science and Practice*, *9*(1–2), 143–159. <https://doi.org/10.1080/15295190802656836>
- Delvecchio, E., Sciandra, A., Finos, L., Mazzeschi, C., & Di Riso, D. (2015). The role of coparenting alliance as a mediator between trait anxiety, family system maladjustment, and parenting stress in a sample of non clinical italian parents. *Frontiers in Psychology*, *6*, 1–8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01177>
- Diniz, E., Brandão, T., Monteiro, L., & Verissimo, M. (2021). Father involvement during early childhood: A systematic review of the literature. *Journal of Family Theory & Review*, *13*(1), 77-99. <https://doi.org/10.1111/jftr.12410>
- Durtschi, J. A., Soloski, K. L., & Kimmes, J. (2017). The dyadic effects of supportive coparenting and parental stress on relationship quality across the transition to parenthood. *Journal of Marital and Family Therapy*, *43*(2), 308–321. <https://doi.org/10.1111/jmft.12194>
- Fagan, J., & Lee, Y. (2014). Longitudinal associations among fathers' perception of coparenting, partner relationship quality, and paternal stress during early childhood. *Family Process*, *53*(1), 80–96. <https://doi.org/10.1111/famp.12055>
- Fan, J., & Chen, B.-B. (2020). Parenting styles and coparenting in China: The role of parents and children's sibling status. *Current Psychology*, *39*(5), 1505–1512. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00379-7>

- Fang, Y., Boelens, M., Windhorst, D. A., Raat, H., & van Grieken, A. (2021). Factors associated with parenting self-efficacy: A systematic review. *Journal of Advanced Nursing*, 77(6), 2641–2661. <https://doi.org/10.1111/jan.14767>
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting, Science and Practice*, 12(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870>
- Feinberg, M. E., & Kan, M. L. (2008). Establishing family foundations: intervention effects on coparenting, parent/infant well-being, and parent-child relations. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 253–263. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.2.253>
- Feinberg, M. E., Kan, M. L., & Hetherington, E. M. (2007). The longitudinal influence of coparenting conflict of parental negativity and adolescent maladjustment. *Journal of Marriage and the Family*, 69, 687–702. doi:10.1111/j.1741-3737.2007.00400
- Focus on Fathers. (2024). *Focus on fathers: Positive father-child engagement*. <https://focusonfathers.phmc.org/>
- Gavita, O. A., David, D., & DiGiuseppe, R. (2014). You are such a bad child! Appraisals as mechanisms of parental negative and positive affect. *The Journal of General Psychology*, 141(2), 113–129. <https://doi.org/10.1080/00221309.2013.874971>
- Granner, J. R., Lee, S. J., Burns, J., Herrenkohl, T. I., Miller, A. L., & Seng, J. S. (2023). Childhood maltreatment history and trauma-specific predictors of parenting stress in new fathers. *Infant Mental Health Journal*, 44(6), 767–780. <https://doi.org/10.1002/imhj.22084>

- Hadicharalambous, D. & Demetriou, L. (2021). Investigating the influences of parental stress on parents parenting practices. *International Journal of Science Academic Research*, 02(02), 1140-1148. <https://ssrn.com/abstract=3803831>
- Han, G., Alfredsson, E., Cox, L., & Psouni, E. (2023). Variation in coparenting quality in relation to child age: Links to coparents' relationship satisfaction and education. *Scandinavian Journal of Psychology*, 64(5), 632-643. <https://doi.org/10.1111/sjop.12915>
- Hoghughi, M., & Long, N. (2004). *Handbook of parenting: Theory and research for practice*. SAGE. <https://doi.org/10.4135/9781848608160>
- Hoff, E., & Laursen, B. (2019). Socioeconomic status and parenting. In *Handbook of parenting* (pp. 421-447). Routledge.
- Holden, G. W. (2010). *Parenting: a dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Ishii-Kuntz, M. (2013). Work environment and Japanese fathers' involvement in child care. *Journal of Family Issues*, 34, 252–271. <https://doi.org/10.1177/0192513X12462363>
- Kang, S. K., Choi, H. J., & Chung, M. R. (2022). Coparenting and parenting stress of middle-class mothers during the first year: Bidirectional and unidirectional effects. *Journal of Family Studies*, 28(2), 551–568. <https://doi.org/10.1080/13229400.2020.1744472>
- Keller, H., Borke, J., Yovsi, R., Lohaus, A., & Jensen, H. (2005). Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29(3), 229-237. <https://doi.org/10.1080/01650250544000017>
- Kitzmann, K. M. (2000). Effects of marital conflict on subsequent triadic family interactions and parenting. *Developmental Psychology*, 36(1), 3–13. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.36.1.3>

- Kulik, L., & Sadeh, I. (2015) Explaining fathers' involvement in childcare: An ecological approach. *Community, Work & Family, 18*, 19–40.
<https://doi.org/10.1080/13668803.2014.944483>
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations, 49*(1), 25–44. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x>
- Kwon, K. A., & Elicker, J. G. (2012). The role of mothers' and fathers' parental control and coparenting in toddlers' compliance. *Early Education and Development, 23*(5), 748–765. <https://doi.org/10.1080/10409289.2011.588042>
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Theoretical models of coparenting relations: Critical review. *Psicologia em Estudo, 15*(1), 205-216.
<https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100022>
- Lau, E. Y. H., & Power, T. G. (2019). Coparenting, parenting stress, and authoritative parenting among Hong Kong chinese mothers and fathers. *Parenting, 20*(3), 167–176.
<https://doi.org/10.1080/15295192.2019.1694831>
- Lee, J. Y., Volling, B. L., Lee, S. J., & Altschul, I. (2021). Longitudinal relations between coparenting and father engagement in low-income residential and nonresidential father families. *Journal of Family Psychology, 34*(2), 226–236.
- Leung, C., & Tsang, S. K. (2010). The chinese parental stress scale: Psychometric evidence using Rasch modeling on clinical and nonclinical samples. *Journal of personality assessment, 92*(1), 26–34. <https://doi.org/10.1080/00223890903379209>
- Lucassen, N., de Haan, A. D., Helmerhorst, K. O. W., & Keizer, R. (2021). Interrelated changes in parental stress, parenting, and coparenting across the onset of the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Psychology, 35*(8), 1065–1076.
<https://doi.org/10.1037/fam0000908>

- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction. In P. H. Mussen, & E. M. Hetherington (Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 4. Socialization, Personality, and Social Development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Man 2 Man. (2024). *Program curriculum*. South Carolina Center for Fathers and Families. <https://www.man2manfathers.com/what-we-do/program-curriculum/>
- Marinho, S., Atalaia, S., & Cunha, V. (2024). Mulheres, homens e vida familiar: a construção da igualdade no Portugal democrático.
- McDaniel, B. T., Teti, D. M., & Feinberg, M. E. (2018). Predicting coparenting quality in daily life in mothers and fathers. *Journal of Family Psychology, 32*(7), 904–914. <https://doi.org/10.1037/fam0000443>
- Merrifield, K. A., & Gamble, W. C. (2013). Associations among marital qualities, supportive and undermining coparenting, and parenting self-efficacy: Testing spillover and stress-buffering processes. *Journal of Family Issues, 34*(4), 510–533. <https://doi.org/10.1177/0192513X12445561>
- Mitchell, D. B., Szczerepa, A., & Hauser-Cram, P. (2016). Spilling over: Partner parenting stress as a predictor of family cohesion in parents of adolescents with developmental disabilities. *Research in Developmental Disabilities, 49-50*, 258–267. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2015.12.007>
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Routledge.
- Monteiro, L., Fernandes, M., Torres, N., & Santos, C. (2017). Father's involvement and parenting styles in Portuguese families: The role of education and working hours. *Análise Psicológica, 35*, 513–528. <https://doi.org/10.14417/ap.1451>

- Monteiro, L., Torres, N., & Salinas-Quiroz, F. (2019). Preditores do envolvimento paterno numa amostra de famílias portuguesas. O papel das crenças parentais. *Suma Psicológica*, 26(2), 94-102. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2019.v26.n2.5>
- Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Córdova, J. V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: the role of coparenting. *Family Process*, 49(1), 59–73. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x>
- Mortensen, J. A., & Barnett, M. A. (2015). Risk and protective factors, parenting stress, and harsh parenting in mexican origin mothers with toddlers. *Marriage & Family Review*, 51(1), 1–21. <https://doi.org/10.1080/01494929.2014.955937>
- ONU/UNICEF (1990). Convenção sobre os Direitos da Criança. http://www.unicef.pt/doc/pdf_pub/convencao_direitos_crianca2004.pdf.
- Palkovitz, R., & Hull, J. (2018). Toward a resource theory of fathering. *Journal of Family Theory & Review*, 10(1), 181–198. <https://doi.org/10.1111/jftr.12239>
- Petts, R. J., & Knoester, C. (2020). Are parental relationships improved if fathers take time off of work after the birth of a child? *Social Forces*, 98(3), 1223–1256. <https://doi.org/10.1093/sf/soz014>
- Reader, P., Duncan, S., & Lucey, C. (2005). *Studies in the assessment of parenting*.
- Ribeiro, O., Guedes, M., Veríssimo, M., Rubin, K., & Santos, A. J. (2021). Multidimensional factor structure of the modified child rearing practices report questionnaire (CRPR-Q) in a sample of Portuguese mothers: A bifactor approach. *Análise Psicológica*, 39(2), 299-311. <https://doi.org/10.14417/ap.1688>
- Riina, E. M., & McHale, S. M. (2012). The trajectory of coparenting satisfaction in African American families: The impact of sociocultural stressors and supports. *Journal of Family Psychology*, 26(6), 896–905. <https://doi.org/10.1037/a0030055>

- Santos, C., Monteiro, L., & Torres, N. (2022). The role of child's age, sex, and temperament in father involvement during the pre-school years. *Children*, 9(9), 1327.
<https://doi.org/10.3390/children9091327>
- Santos, C., & Monteiro, L. (2023). Caracterização de perfis de envolvimento do pai em atividades de cuidados e brincadeira em famílias nucleares, com crianças em idade pré-escolar. In E. Magalhães, L. Monteiro, & M. M. Calheiros (Eds.), *Crianças em risco e perigo. Contextos, investigação e intervenção* (Vol. VI) (pp. 41-62). Edições Sílabo.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Settle, T., Lee, J.-K., & Kamp Dush, C. M. (2016). Supportive coparenting relationships as a haven of psychological safety at the transition to parenthood. *Research in Human Development*, 13(1), 32-48.
<https://doi.org/10.1080/15427609.2016.1141281>
- Shim, S. Y. & Lim, S. A. (2019). Paternal self-efficacy, fathering, and children's behavioral problems in Korea. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 851-859.
<https://doi.org/10.1007/s10826-018-01310-7>
- September, S. J., Rich, E. G., & Roman, N. V. (2016). The role of parenting styles and socio-economic status in parents' knowledge of child development. *Early Child Development and Care*, 186(7), 1060-1078.
- Straus, M. A. & Stewart, J. H. (1999). Corporal punishment by American parents: National data on prevalence, chronicity, severity, and duration, in relation to child and family characteristics. *Child and Family Psychology Review*, 2, 55-70.
<https://doi.org/10.1023/a:1021891529770>
- Stright, A. D. & Bales, S. S. (2003). Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. *Family Relations*, 52(3), 232-240. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2003.00232.x>

- Speer, S. R., Park, I. Y., & Bellamy, J. L. (2024). Fathering dynamics: Linking depressive symptomology, parenting stress, and paternal warmth with beliefs in paternal role. *Journal of Family Psychology, 38*(5), 808-819. <https://doi.org/10.1037/fam0001226>
- Solmeyer, A. R. & Feinberg, M. E. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: the roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant behavior & development, 34*(4), 504–514. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2011.07.006>
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2013). Marital satisfaction and partners' parenting practices: the mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology, 26*(4), 509–522. <https://doi.org/10.1037/a0029121>
- Turgeon, J., Lonergan, M., Bureau, J.-F., Schoppe-Sullivan, S. J., & Lafontaine, M.-F. (2023). Parenting stress, general distress, and coparenting quality: An actor–partner interdependence moderation model. *Personal Relationships, 30*(3), 1117–1134. <https://doi.org/10.1111/pere.12498>
- Van Egeren, L. A. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 25*(5), 453–477. <https://doi.org/10.1002/imhj.20019>
- Van Holland De Graaf, J., Hoogenboom, M., De Roos, S., & Bucx, F. (2018). Socio-demographic correlates of fathers' and mothers' parenting behaviors. *Journal of Child and Family Studies, 27*(7), 2315–2327. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1059-7>
- Venning, A., Herd, M. C., Smith, D. P., Lawn, S. J., Mohammadi, L., Glover, F., ... & Quartermain, V. (2021). “I felt like less than a shadow in the room”: Systematic review of the experiences and needs of new fathers. *Psychology of Men & Masculinities, 22*(1), 135. <http://dx.doi.org/10.1037/men0000269>

Yaffe, Y. (2023). Systematic review of the differences between mothers and fathers in parenting styles and practices. *Current Psychology*, 42(19), 16011-16024.

<https://doi.org/10.1007/s12144-020-01014-6>

Yu, Y. (2023). Factors contributing to coparenting quality: Characteristics at the individual level and the relational level. *Psychology, Health & Medicine*, 28(5), 1115-1125.

<https://doi.org/10.1080/13548506.2021.1995885>.